



**UFSM**

**Artigo Monográfico**

**A PERCEÇÃO DOS EDUCADORES SOBRE AS ALTAS  
HABILIDADES E A POSSIBILIDADE DE ATENDIMENTO AO ALUNO  
SUPERDOTADO NO ENSINO REGULAR**

---

**Tânia Maria Paula de Azevedo**

**PROESP/SEESP/CAPES/UFSM**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2008**

**A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES SOBRE AS ALTAS  
HABILIDADES E A POSSIBILIDADE DE ATENDIMENTO AO ALUNO  
SUPERDOTADO NO ENSINO REGULAR**

---

por

**Tânia Maria Paula de Azevedo**

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial:  
Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da  
Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para  
obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial: Altas  
Habilidades/Superdotação**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2008**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação- Especialização em Educação Especial:  
Altas Habilidade/Superdotação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Artigo Monográfico de Especialização

**A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES SOBRE AS ALTAS  
HABILIDADES E A POSSIBILIDADE DE ATENDIMENTO AO ALUNO  
SUPERDOTADO NO ENSINO REGULAR**

elaborado por  
**Tânia Maria Paula de Azevedo**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez**  
(Presidente/Orientadora)

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Soraia Napoleão Lopes de Freitas**

**Prof<sup>a</sup>. Especialista Sheila Torma da Silveira**

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Mara Regina Nieckel da Costa**

Santa Maria, 25 de outubro de 2008.

## RESUMO

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES SOBRE AS ALTAS HABILIDADES E A POSSIBILIDADE DO ATENDIMENTO AO ALUNO SUPERDOTADO NO ENSINO REGULAR**

AUTOR: TÂNIA MARIA PAULA DE AZEVEDO  
ORIENTADORA: SUSANA GRACIELA PÉREZ BARRERA PÉREZ  
SANTA MARIA, RS

O artigo apresenta a pesquisa desenvolvida sobre a percepção dos educadores sobre altas habilidades e possibilidades de atendimento ao aluno superdotado, apontando para a implantação de um programa de enriquecimento para toda escola. Além de investigar a percepção dos educadores, relacionando-a ao atendimento educacional especializado, o estudo objetiva expandir e generalizar, analiticamente, a percepção dos educadores sobre as altas habilidades. Pelo conhecimento dos fenômenos da escola, associado ao desejo de compreendê-los, preservando as características significativas dos acontecimentos da realidade escolar, a estratégia de pesquisa utilizada é o estudo de caso. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram um questionário, uma entrevista semi-estruturada e os registros de observações em reuniões pedagógicas e conselhos de classe. Inicialmente o texto relaciona a formação almejada com o exercício profissional da autora, apresentando algumas práticas pedagógicas e sistematizando conceitos essenciais ao estudo, a partir do referencial teórico estudado ao longo do curso de especialização. Os resultados descritos na investigação indicam que os professores desconhecem ou conhecem pouco acerca do tema das altas habilidades, pois não centralizam os depoimentos no aluno e seu potencial. O estudo também revelou que, ao perceber a existência dos indicadores de altas habilidades nos alunos, os educadores concebem a superdotação com idéias permeadas pelos mitos que rondam o tema. A possibilidade de um programa de enriquecimento para toda a escola é projetada e descrita como conclusão do trabalho, tendo em vista as colocações dos professores de que é necessário conhecer o assunto para identificar e atender adequadamente os alunos que apresentam indicadores de altas habilidades.

Palavras-chaves: altas habilidades; superdotação; programa de enriquecimento.

## **ABSTRACT**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **THE EDUCATORS PERCEPTION ABOUT THE HIGH ABILITIES AND THE POSSIBILITY OF THE ATTENDANCE TO GIFTED STUDENT IN REGULAR SCHOOLS**

AUTHOR: TÂNIA MARIA PAULA DE AZEVEDO  
ACADEMIC ADVISOR: SUSANA GRACIELA PÉREZ BARRERA PÉREZ  
SANTA MARIA, RS

The article presents the research developed about the educators perception regarding to high abilities and the possibility of the attendance to gifted students, indicating for the implantation of enrichment program to every school. Besides investigating the educators' perception, relating it to the specialized educational attendance, the study aims to expand and to generalize, analytically, the educators' perception about the high abilities. Through the knowledge of the school phenomena, associated to the desire to understand its, saving the significant characteristics of the school reality events, the used research strategy is the case study. The instruments used to collect data were a questionnaire, a semi-structured interview and the registrations of observations in pedagogic meetings and class advices. Initially, the text relates the formation longed for with the author's professional exercise, presenting some pedagogic practices and systematizing essential concepts to the study, starting from the theoretical referential studied along the specialization course. The results described in the investigation indicate that the professors ignore or they know a little concerning the theme of the high abilities, because they don't centralize the depositions in the student and your potential. The study also revealed that, when noticing the existence of the indicators of high abilities in the students, the educators conceive the giftedness with ideas permeated by the myths that round the theme. The possibility of an enrichment program to the whole school is projected and described as conclusion of the work, taking into account the professors' placements that is necessary to know the subject to identify and to assist, appropriately, the students that present indicators of high abilities.

Keywords: high abilities; giftedness; enrichment program.

## **1 ENTRE A FORMAÇÃO ALMEJADA E A VIVÊNCIA PROFISSIONAL**

A realidade do ensino que se apresenta ao longo do exercício profissional do educador revela o compromisso que recai sobre a tarefa de ensinar. A responsabilidade quanto à subjetividade, motivação e condução do trabalho pedagógico voltado para a aprendizagem dos alunos impõe caráter relevante à função docente. Uma das funções do educador é a responsabilidade pelo encadeamento da ação educativa num processo que vise essencialmente à aprendizagem e à promoção humana. No exercício pedagógico, torna-se necessário estabelecer uma identidade com os alunos agregando-os por suas necessidades e interesses, em torno da aprendizagem.

Ao resgatar momentos profissionais nos quais tenha me deparado com alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, surpreendeu-me o fato de suas presenças constantes em minhas turmas de Educação Infantil e Alfabetização. Esse fato determinava a constante adequação das propostas realizadas. Na condição de supervisora escolar, sucederam-se experiências pedagógicas significativas: acolher e trabalhar com aluno que apresentava Síndrome de Down, no ensino médio; atender séries e turmas nas quais os alunos apresentavam dificuldades, porém com grandes capacidades em determinadas áreas: esporte dança e muita criatividade nas aulas de artes. Em ambas as circunstâncias, foi possível perceber as dificuldades dos professores. A atuação pedagógica foi direcionada para a organização de horários de atendimento aos alunos em tempo integral, acompanhamento e assessoria ao planejamento dos professores, organização de espaços de reflexão sobre a prática pedagógica, sobre a síndrome que o aluno apresentava, sobre o comportamento dos alunos e sobre os resultados obtidos.

Recentemente, fez-se necessário espaço de reflexão sobre o trabalho docente com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental, por apresentarem necessidades educacionais especiais. Após dois anos de atividades do grupo de formação em que se realizaram os encontros mensais para estudar a temática da educação inclusiva, debater situações vivenciadas e buscar alternativas de atuação, é necessário dar continuidade ao

trabalho. A perspectiva da educação inclusiva pressupõe preocupar-se não somente com o déficit cognitivo. É necessário construir um aporte teórico sobre as altas habilidades/superdotação a fim de garantir o atendimento das crianças e adolescentes que as apresentem.

Os avanços legais que determinam a implantação e a efetivação da educação inclusiva demandam a urgência do educador em constituir-se profissionalmente com referências teóricas e práticas que possibilitem o atendimento das necessidades de todos os alunos. Independente da condição de déficit de aprendizagem ou da presença de altas habilidades importa contextualizar a tarefa do educador frente à promoção da aprendizagem e do desenvolvimento do talento de todos os alunos.

Investigar a percepção do educador sobre as possibilidades de atuação em sala de aula com alunos que apresentem indicadores de altas habilidades/superdotação, despertando para o tema e orientando sua atuação é o objeto de estudo deste trabalho. Para tanto, a investigação foi realizada com os professores de duas turmas de 1º ano do ensino médio de uma escola da rede estadual, no município de Santa Maria-RS. Na primeira turma, está presente uma aluna com indicadores de altas habilidades, já identificada e atendida por um programa local de incentivo ao talento. Na segunda turma, está matriculada uma aluna com excelente desempenho acadêmico e destacada capacidade lingüística. Nesta turma há possibilidade de realizar, posteriormente, o processo de identificação da aluna. Esta estratégia favorece o contato dos professores com o tema e o planejamento de atividades desafiadoras com o objetivo de despertar o interesse de todos os alunos, fomentar o desenvolvimento das capacidades individuais e o aparecimento das habilidades gerais acima da média.

Partindo das formas de conhecer dos professores e da existência das alunas citadas, remete-se para outro momento a construção de um modelo de enriquecimento para toda a escola, como possibilidade de alcançar a excelência da educação, associando o estudo da superdotação à prática dos professores.

A possibilidade de implantação de um programa de enriquecimento para elevar o potencial da escola é apresentada e descrita como uma alternativa não somente para o atendimento dos alunos com altas habilidades/superdotação, mas sim, como a possibilidade de atender a todos os alunos e promover a elevação do potencial de todos, pois, segundo Renzulli (2004), “a maré alta eleva todos os navios”.

Apontam-se dois aspectos no que diz respeito ao exercício do papel da escola frente ao seu compromisso social com a educação. Primeiro, a Educação Especial, como modalidade de educação escolar, que perpassa todas as modalidades e níveis de ensino, está definida na Política para Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Através de Diretrizes Nacionais, essa política orienta quanto ao direito à educação dos alunos com necessidades educacionais especiais, apontando para a inclusão em classes comuns do ensino regular. Delimita que as pessoas a serem atendidas por essa modalidade são aquelas com deficiência física, transtornos globais do desenvolvimento e as pessoas com altas habilidades/superdotação. Segundo, o Atendimento Educacional Especializado atua na promoção da aprendizagem pela elevação do potencial humano e requer um profissional capaz de interagir com seus pares. Importa que este profissional tenha um olhar convergente com a profundidade de seu conhecimento técnico e profissional. Diante desses aspectos, torna-se importante favorecer condições para que os professores e especialistas em educação desenvolvam melhor compreensão sobre a superdotação e as necessidades educacionais dos alunos com altas habilidades.

O contexto educacional vem sendo abalado, para não dizer atingido, pela crise paradigmática. O educador, na condição de formador e tem sofrido duplamente esse abalo, uma vez que a educação que o formou, as certezas que o construíram epistemologicamente também são alvos desta crítica mudança. Despontam na escola - instituição responsável pelo acesso e disseminação do conhecimento - relações sociais permeadas por vínculos de trabalho docente e, como tal, fragilizadas pelas diferenças estabelecidas entre as diferentes concepções de educação e diferentes funções exercidas na escola.

As discussões sobre a inclusão vêm suscitando muitas questões no cenário educacional, onde há uma série de estudos apontando para uma diversidade muito grande de orientações. Entretanto, sabe-se que a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais é um processo que começou a ser difundido no Brasil a partir da década de 1980. Portanto, é um processo gradual, contínuo, no qual vivenciamos as mudanças no que se refere a esse aspecto. No entorno dessas mudanças encontra-se a presença cada vez mais necessária do Educador Especial, que prestará o atendimento educacional especializado aos seus pares.



Quem são os pares do profissional que realiza o atendimento educacional especializado? O **aluno**, o **professor** e a **família**. Experimentando dar conta da tarefa acadêmica que diz respeito ao atendimento educacional especializado, pretende-se através deste estudo, perceber as concepções do educador acerca das altas habilidades/superdotação, associando-as às leituras realizadas e, futuramente, realizar a experiência pedagógica de identificar alunos que já despontam com bom desempenho escolar e realizar o atendimento. A sistematização dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização concebe a possibilidade de um trabalho posterior com os professores das turmas nas quais estão as alunas referidas anteriormente.

A seguir descrevem-se alguns dos conceitos construídos durante as aulas do curso de especialização em altas habilidades e o que entendemos por altas habilidades/superdotação, contrapondo algumas respostas dos educadores. Imbricada neste tema é imprescindível estudar e conhecer o conceito de inteligência que foi utilizado pelos estudiosos da área, no transcorrer do referido curso. Finalizando o trabalho, aponta-se a alternativa de Programa de enriquecimento como possibilidade de atendimento pedagógico a ser desenvolvido para todos os alunos.

## **2 A TEORIA ENCONTRADA NA FORMAÇÃO**

O distanciamento entre a teoria e a prática nas questões educacionais é argumento popularizado entre os educadores. As rotinas escolares por muito tempo estabelecidas, por vezes, dificultam a consolidação de oportunidades de estudo e reflexão sobre as práticas educativas com resultados positivos. Os professores, quando participam de tais oportunidades, revelam diferentes interesses em relação aos temas costumeiramente abordados nestes momentos. Sistematizar parte da teoria estudada, neste referencial teórico corresponde à preocupação mencionada por Renzulli (2004), ao apontar a importância da comunicação entre a origem da idéia com quem a pratica e as condições adequadas de implementação. Sendo assim, focalizam-se a seguir, os pontos teóricos no conceito de altas habilidades/superdotação, inteligência, mitos acerca da superdotação e programa de enriquecimento escolar.

## 2.1 O que entendemos por altas habilidades/superdotação?

A busca pela compreensão e entendimento do conceito de superdotação pode ser elucidada a partir da Figura 1:



**Figura 1.** Diagrama da Teoria dos Três Anéis (adaptado por Virgolim, 2007).

Renzulli, em sua Teoria dos Três Anéis, concebe a superdotação como um conjunto de traços bem definidos: habilidade acima da média em alguma área do conhecimento; envolvimento com a tarefa; e criatividade (VIRGOLIM, 2007; RENZULLI, 2004). A habilidade acima da média engloba aspectos gerais e específicos. A habilidade geral reflete-se na capacidade de utilizar o pensamento abstrato, processando informações e integrando experiências na produção de respostas apropriadas a novas situações. São exemplos: raciocínio verbal e numérico, relações espaciais, memória e fluência verbal. A habilidade específica consiste na capacidade de aplicar várias habilidades gerais a uma ou mais áreas do conhecimento ou do desempenho humano, por exemplo, dança, fotografia, liderança, matemática e composição musical. Observa ainda que alunos que possuem habilidade acima da média (mas, não necessariamente muito superior) e

que demonstram um alto nível de energia e envolvimento com a atividade, desenvolvendo-a de forma criativa, são as pessoas que têm mais probabilidade de exibir comportamentos de superdotação. Estes comportamentos podem ser desenvolvidos por determinadas pessoas em alguns momentos de sua vida; porém, não por todas ou em todos os momentos. Assim, uma criança pode mostrar seu conhecimento adquirido em um dado momento de sua vida escolar – por exemplo, lendo precocemente, ou mostrando um interesse aprofundado por uma disciplina em particular – e não demonstrar o mesmo interesse ou habilidades em momentos posteriores. Concentra-se nesta afirmação mais um motivo para a oferta de programas de enriquecimento.

Para Renzulli (2004), a superdotação não é um conceito estático (isto é, tem-se ou não se tem) e sim um conceito dinâmico – ou seja, algumas pessoas podem apresentar um comportamento de superdotação em algumas situações de aprendizagem/desempenho, mas não em todas as situações. Essa concepção deixa bem claro que as altas habilidades/superdotação envolvem aspectos tanto cognitivos quanto de personalidade do indivíduo, sendo, dessa maneira, impossível de ser totalmente apreendida apenas pela noção de quociente de inteligência. Deriva-se dessa concepção o entendimento de que a superdotação projeta-se em caráter desenvolvimental, onde os talentos emergem na medida em que as diferentes habilidades (latentes ou manifestas) de uma pessoa são reconhecidas e apresentadas, de forma criativa, em situações em que o indivíduo percebe-se motivado a desenvolver suas capacidades em altos níveis. É nesse contexto que Renzulli (2004) defende a idéia de que não devemos rotular o aluno como sendo ou não sendo superdotado, mas considerarmos que as altas habilidades aparecem com freqüência, consistência e intensidade. Nesse sentido, são características que podem existir em determinados seres humanos, ainda diferindo em níveis, intensidades e graus de complexidade em cada um.

Assim sendo, passamos a entender que as altas habilidades/superdotação resultam do grau em que uma determinada habilidade é apreendida, interiorizada e expressa; do grau de motivação que o indivíduo revela ao desempenhar tarefas específicas; e do grau de originalidade que suas idéias podem trazer ao campo, que são significativamente mais elevados nas pessoas que possuem esse comportamento. Torna-se, portanto, tarefa da escola estimular em todos seus alunos o desenvolvimento e a expressão do talento criador e da inteligência, e não

só naqueles que possuem um alto quociente de inteligência, ou que tiram as melhores notas no contexto acadêmico; desenvolver comportamentos de superdotação em todos aqueles que têm potencial para isso; nutrir o potencial da criança, rotulando o serviço e não o aluno; desenvolver uma grande variedade de alternativas ou opções para atender às necessidades de todos os estudantes (TREFFINGER e RENZULLI, 1986, apud RENZULLI, 2004). Essa noção tem um impacto direto para a sala de aula regular, estabelecendo sua responsabilidade em desenvolver um currículo adequado e inclusivo, que atinja todos os alunos, incluindo também os alunos que apresentam altas habilidades/superdotação.

Segundo Virgolim (2007), Renzulli e Reis (1986, p.11-12, apud PÉREZ, 2004), assim definem o comportamento e quem são as pessoas com altas habilidades:

[...] o comportamento superdotado consiste nos comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos dos traços humanos – sendo esses grupamentos habilidades gerais e/ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. As crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e que os aplica a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano.

Renzulli (2004) diferencia dois tipos básicos de superdotação: o acadêmico, como sendo o aluno que se destaca nas diferentes disciplinas, apresentando rendimento acima da média, e o tipo produtivo criativo, como sendo aquele aluno ou pessoa que coloca sua habilidade a serviço da criatividade.

O Ministério de Educação (BRASIL, 1994, 2008) usa como referência a definição americana e assim classifica a superdotação: tipo intelectual, tipo social, tipo acadêmico, tipo criativo, tipo psicomotricinestésico, tipo dos talentos especiais (artes plásticas, musicais, literárias e dramáticas).

## **2.2 O que é ser inteligente?**

A inteligência é definida por Gardner (1995) como a capacidade que as pessoas apresentam para resolver problemas e para elaborar produtos que são valorizados pela cultura e pela comunidade em que vivem. Como potencial trazido na bagagem genética das pessoas, também depende dos estímulos ambientais para se desenvolver. Este novo conceito de inteligência é mais flexível e considera as

habilidades lingüísticas, lógico-matemáticas, espaciais, corporais, artísticas e intuitivas. Assim sendo, Gardner (1995) afirma que existem várias inteligências, em diferentes áreas não interligadas e que apresentam funcionamento autônomo no desempenho cognitivo.

Prever a atuação da inteligência de forma positiva ao bem comum é uma das expectativas que justificam a implantação de serviços educacionais e programas de enriquecimento para o aluno com indicadores de altas habilidades.

Em um mundo informatizado, de rápidas mudanças, o futuro se volta para o ser humano, ao valor de suas produções, às alternativas e inovações que consegue implantar.

O mundo necessita de respostas às crescentes necessidades das mais variadas áreas. Ao voltar-se para o atendimento dos alunos com altas habilidades, a educação faz um investimento social. A hipótese de possíveis talentos na escola faz com que a comunidade escolar se motive e reconheça as diferenças individuais, no respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, na mobilidade curricular e na avaliação compartilhada.

Todo investimento aplicado na educação dos alunos com altas habilidades trará benefícios para a escola, o aluno e a família. Quando bem atendido, a criança ou adolescente com altas habilidades passará a conhecer sua natureza, potencialidade, limitações e habilidades.

Por todos os fatores abordados e pela possibilidade de permitir às famílias uma relação mais estreita entre as diferentes experiências e aproximação com a escola, percebe-se o quanto é vantajoso investir no talento e em potenciais superiores na escola.

### **2.3 Os mitos assombram os professores**

Encontrar evidências de que a superdotação está carregada de interpretações que carecem de esclarecimentos é uma observação reveladora das posturas assumidas pela maioria das pessoas ao tomar conhecimento de fatos sobre este tema.

Destacam-se dois conceitos importantes que os educadores desconhecem: o conceito de superdotação como um conjunto de traços apresentado por certas pessoas em determinados momentos (capacidade acima da média, alto nível de

energia imposto na realização de uma tarefa e forma criativa como resolvem as situações) e, o conceito flexível de inteligência apresentado por Gardner (1995) como a capacidade que as pessoas apresentam para resolver problemas e para elaborar produtos que são valorizados pela cultura e pela comunidade em que vivem.

Pérez (2003) afirma que o surgimento dos mitos associa-se ao desconhecimento e dubiedade das informações sobre altas habilidades na sociedade e, reportando-se à Extremiana (2000), aponta as seguintes causas: o termo em si; o desconhecimento de suas características; a confusão com outros termos e a atitude de rejeição e prevenção.

Como proposta de classificação destes mitos, Pérez (2003) apresenta sete categorias: mitos sobre constituição, vinculados às características e origens; mitos sobre distribuição, que asseguram especificidade às altas habilidades; mitos sobre identificação, que buscam omitir ou justificar a desnecessidade desta identidade; mitos sobre níveis ou graus de inteligência, originados de equívocos sobre o conceito; mitos sobre desempenho, que depositam expectativas e responsabilidades; mitos sobre conseqüências, que associam características de ordem psicológica ou de personalidade e, finalmente, mitos sobre o atendimento como sendo as causas da precariedade ou ausência de serviços públicos.

#### **2.4 Quais os objetivos e finalidades de um programa de atendimento às Altas Habilidades/Superdotação?**

Conforme Guenther (2006 p.147) é comum determinar como finalidade geral para os programas de enriquecimento, objetivos tais como: promover o desenvolvimento geral do educando, estimular a criatividade. Mais especificamente, nesta sugestão de programa, objetiva-se também alertar os educadores e chamar a atenção, no sentido de direcionar detalhadamente seu olhar sobre os alunos que apresentam um potencial acima da média. E ainda, sobre as situações de indisciplina ou apatia, geradas na sala por alunos dos quais repetidas vezes ouve-se os professores dizerem que o aluno é muito capaz, ou que, quando quer, faz excelentes trabalhos em determinada área.

Em sua tese de doutorado, Delou (2001), chama a atenção para o fato de que a indisciplina traduzida em dificuldade de ajustamento está presente em todas as

discussões sobre as altas habilidades, concluindo que a insuficiência de tratamento ao tema contribui para a perpetuação dos mitos e estereótipos em torno desses alunos.

Quando o aluno apresenta essa dificuldade, resultante do fato de não ser compreendido e de não estar em local adequado ao desenvolvimento de sua curiosidade, criatividade e elevação de seu potencial superior, deve a escola, por excelência de seu papel, oportunizar programas de enriquecimento que favoreçam a aprendizagem do aluno.

Pais, professores e leigos têm erroneamente acreditado que o grupo de crianças e jovens com altas habilidades/superdotação apresenta características semelhantes e um desenvolvimento cognitivo e afetivo homogêneos. É comum recorrer a testes formais para estabelecer o quociente de inteligência, na busca de evidências da superdotação, separando aqueles “realmente superdotados” dos que não o são. Essa dicotomia favorece as noções de elitismo, propagando a idéia errônea de que a superdotação é um fenômeno raro, ocorrendo em alguns poucos indivíduos e em apenas algumas classes sociais.

As leituras realizadas em Virgolim (2007) possibilitaram tomar conhecimento de que percepções equivocadas como essas têm sido extensivamente combatidas pelos modernos teóricos que estudam o tema (por exemplo, GARDNER, KORNHABER & WAKE, 1998; RENZULLI, 2006; TANNENBAUM, 2000).

Vários autores (CLARK, 1992; FELDHUSEN, 1994; RICHERT, 1997; RENZULLI, 1978, entre outros) concordam que a superdotação emerge da interação entre o potencial inato (incluindo fatores cognitivos e não-intelectivos), e a experiência, estilos de aprendizagem e os interesses únicos do estudante (VIRGOLIM, 2007).

Nesse sentido, Renzulli (2006), Feldhusen, Asher e Hoover (1984) e Richert (1987), (apud, VIRGOLIM 2007) argumentam a favor de se colocar menos ênfase na questão de ser-ou-não-ser superdotado, concentrando esforços na formulação de programas específicos para atender às necessidades dos jovens com maior potencial entre os diferentes extratos socioeconômicos e culturais. Identifica-se aqui um motivo pelo qual a escola deva promover o atendimento das necessidades desses alunos, pautando suas ações em projetos e atividades que favoreçam o desenvolvimento do potencial deles, atuando na identificação pela provisão. Copley (1993, apud FLEITH, 2007), destaca o quanto é necessário que a escola olhe para a

diferença dos alunos com indicadores de altas habilidades e realize propostas curriculares enriquecidas e aprofundadas pelo professor da classe comum a toda a turma.

Dentre os referenciais teóricos necessários ao atendimento educacional especializado encontram-se os conhecimentos acerca da inteligência e criatividade. É necessário direcionar a busca de conhecimento ao pensamento de outros autores como Almeida (1994), Gardner (1995), Mettrau (2000), para entender que a inteligência não é somente uma propriedade individual, mas um processo relacional entre o indivíduo e os seus companheiros ao construir e organizar suas ações sobre o meio ambiente (METTRAU, 1995). Importa ainda entender que os comportamentos ou manifestações inteligentes em seus aspectos cognitivos, criativos e afetivos estarão sempre presentes na produção de qualquer pessoa e mais ainda nas pessoas com altas habilidades, seja esta produção intelectual, artística, científica, tecnológica, educacional ou outra.

### **3. O ESTUDO E A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES:**

Com o objetivo de revelar qual a percepção do educador sobre os alunos que apresentem indicadores de altas habilidades/superdotação, esta pesquisa utilizou o estudo de caso, por ser uma abordagem que contribui com o conhecimento que já temos dos fenômenos individuais que ocorrem dentro da escola, associado ao desejo de compreendê-los, através de uma investigação que preserve as características significativas dos acontecimentos da realidade escolar (YIN, 2005 p. 20).

O estudo não representa uma amostragem com generalização estatística, mas sim, objetiva expandir e generalizar, analiticamente, a percepção dos educadores sobre as altas habilidades. Sendo estudo de caso, este trabalho investiga de forma empírica, o fenômeno contemporâneo do atendimento educacional especializado às altas habilidades no contexto educacional, uma vez que os limites deste atendimento não estão claramente definidos na escola, (YIN, 2005, p. 32). Baseia-se em várias fontes de evidência, no caso: questionários, entrevistas, reuniões pedagógicas e conselhos de classe, convergindo os dados para a análise da percepção dos educadores sobre o tema (YIN, 2005, p. 33).



Antes de começar a coleta de dados, propriamente dita, como atividade de sensibilização, foi projetado um vídeo com informações e exemplos acerca das altas habilidades/superdotação e as políticas para o atendimento aos alunos, aos professores de Ensino Médio de uma escola pública de Santa Maria, RS. Depois foi entregue um questionário que todos os professores se disponibilizaram a responder; porém, apenas cinco os devolveram respondidos. Diante desse fato, partiu-se para a estratégia de realizar uma entrevista semi-estruturada, com a finalidade de poder aprofundar um pouco mais as informações. Nela os professores descreveram como trabalham e quais são suas preocupações e propostas para os alunos com bom desempenho na aprendizagem.

Na entrevista, inicialmente solicitou-se ao educador que se reportasse à sala de aula e aos alunos, pensando para então responder às seguintes questões:

1. Qual tua preocupação em relação ao desempenho dos alunos?
2. Em que circunstância tens adequado teu planejamento diante do desempenho dos alunos?
3. Qual é tua atitude em relação aos alunos que apresentam bom desempenho em sala de aula?
4. O que sabes a respeito das Altas Habilidades/Superdotação?
5. Tens algum(a) aluno(a) com Altas Habilidades/Superdotação na tua sala de aula?
6. Se a resposta anterior for positiva, que estratégias pedagógicas desenvolves com esse(a) aluno(a)?

Na análise da percepção dos educadores, a partir das respostas contidas nos questionários e entrevistas, sobre os alunos com bom desempenho escolar, destacam-se duas categorias: a percepção do conceito de Altas Habilidades/Superdotação e os sentimentos dos professores em relação ao desempenho dos alunos.

## **4 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES**

O grupo de educadores que assistiu ao vídeo manteve-se receptivo e atento durante a exibição. Ao término, comentaram sobre a beleza da música escolhida e a dificuldade da existência de alunos com tais características, diante do atual

desinteresse dos alunos em relação a sua aprendizagem. Outro destaque que merece ser feito é o fato de os professores responderem com maior número de informações às três primeiras questões do questionário. Das três últimas questões, que se referem especificamente ao tema das altas habilidades, as informações foram escassas.

#### **4.1 A concepção de Altas Habilidades/Superdotação dos professores**

Na investigação realizada junto aos professores sobre a sua percepção acerca das altas habilidades/superdotação, pode-se perceber a falta de informações sobre a questão da superdotação, das altas habilidades que determinadas pessoas apresentam e da relação que estas características têm com o conceito de inteligência.

O estudo sobre as altas habilidades merece ter continuidade tendo em vista que o desconhecimento sobre o tema dificulta o trabalho dos professores na identificação dos alunos, desmotivando-os para a busca do conhecimento na área. Em contrapartida, por terem conhecimentos escassos, os professores também mencionam ter interesse em estudar o tema.

“Não tenho grande conhecimento, pois os professores não têm como identificar casos de altas habilidades ou superdotação. Assim não se vê motivos para buscar conhecimentos a respeito” (Professora Asteróide).

“Há possibilidade de ter um ou dois alunos que consigo identificar” (Professora Estrela).

“[...] gostaria de conhecer mais sobre isso” (Professora Luz).

Por enquanto, segue-se a análise dos depoimentos dos professores, reveladores do seu medo em falar sobre o assunto, por desconhecimento ou por entender que não há motivos para identificar e atender os alunos, se o professor desconhece o assunto, e da presença dos mitos que também assombram os professores.

A presença do mito de constituição, de que a superdotação é capacidade somente inata e hereditária, apareceu nas comparações que os professores fizeram entre alunos da mesma família, porém com diferentes idades e séries, e entre os filhos e pais que estudaram na escola:

“[...] mas eles são irmãos, como é que pode, serem tão diferentes na escola?”(Professor Cometa).

“[...] fui professora do pai dele, ele é melhor que o pai, a fruta não cai longe do pé” (Professora Lua).

Acreditar que a superdotação depende exclusivamente de estímulo ambiental e de pais organizadores que conduzem e regram a vida dos filhos em prol de um desempenho excepcional, constitui mais um mito. Este mito se revela quando os professores delegam o bom rendimento do aluno ao acompanhamento dos pais e ao fato de estarem sob influência de um ambiente familiar estimulador e culturalmente mais diversificado:

“Esse aluno vai bem porque os pais são exigentes, acompanham e estimulam os filhos... Ah se todos os pais fossem assim!” (Professor Cometa).

Faz-se oportuno referenciar o comentário de uma professora referindo-se a si mesma na resposta à questão “O que sabes a respeito das Altas Habilidades/Superdotação?” e associá-lo a uma conversa informal no ambiente profissional, quando se discutia o atendimento de um grupo de alunos e professora de uma turma em que os conflitos interpessoais têm sido constantes.

“Por ter vivenciado na infância estas características (alfabetização espontânea aos 5 anos de idade, ter ficado apenas três meses na 1ª série e passar por testes psicológicos, sendo promovida para a 2ª série entre outras coisas) [...] Sempre fui bastante orientada e exigida por meus pais e isto nunca me trouxe traumas, o aluno deve entender seus limites” (Professora Raio de Luz).

A mesma professora complementa sua fala dizendo que:

“fui igual a todos e nunca precisei de atendimento especial por ser inteligente” (Professora Raio de Luz).

Os conhecimentos que não são aprofundados ou trabalhados no currículo escolar levam alguns a conhecer mais que colegas e professores devido a sua curiosidade. Isso tem acarretado problemas no relacionamento interpessoal, tornando público o descontentamento de alguns educadores e colegas de turma. A evidência do mito de que o aluno com altas habilidades é “metido a sabichão”

constatou-se nas colocações dos professores, quando solicitam ao setor de Orientação Educacional que o aluno seja chamado para uma conversa individual por estar atrapalhando a aula, direcionando o assunto para outro tema que não exatamente aquele que o professor esteja abordando.

“[...] Por favor, chama aquela aluna e dá uma conversadinha com ela, porque está atrapalhando minha aula, sempre com outros assuntos, os colegas estão reclamando [...]” (Professor Cometa).

“Precisa chamar os responsáveis por este aluno, porque ele sabe tudo de informática, traz uns manuais de informática na pasta e isso atrapalha” (Professora Brilhante).

Quanto a estes comentários é possível identificar o mito de que não é preciso identificação ou atendimento especializado. Neste contexto é manifesta a contradição da professora, pois não reconhece o processo de aceleração pelo qual passou no início de sua escolarização.

O mito de distribuição das pessoas com altas habilidades evidenciou-se no contato inicial que fiz na escola, ao contar sobre o curso que estava frequentando e a intenção do estudo.

“Hahaha você acha que esses alunos existem? E aqui em nossa escola?” (Supervisora).

Revelou-se neste comentário, a postura de que as pessoas acreditam que existem poucas pessoas com altas habilidades e que estas pessoas são provenientes de classes econômicas privilegiadas, sendo por isso, muito difícil de serem encontradas em uma escola pública.

Segundo Pérez (2003), o fantasma de que a inteligência pode ser quantificada e traduzida em coeficiente também aparece quando os professores comentam sobre o baixo rendimento do aluno, questionando a existência das altas habilidades porque o aluno não tem boas notas em todas as disciplinas ou porque não aprende determinada disciplina.

“Esse aluno não pode ser superdotado ou ter altas habilidade porque não tem boas notas” (Professora Clara Luz)

“Ele sabe tudo de informática, programação de computadores, mas não aprende as minhas coisas de matemática” (Professora Brilhante).

Percebe-se que este mito aparece com muita frequência não somente nesta afirmação, mas na maioria das conversas estabelecidas com colegas de trabalho ou com pessoas conhecidas que sempre perguntam: existem testes para saber se uma pessoa é superdotada?

A crença de que o desempenho da pessoa com altas habilidades deva ser em todas as áreas do desenvolvimento humano e do currículo escolar é inegável nos comentários acima. Igualmente, ao questionarem a relação entre idade-série, e argumentarem sobre a reprovação, reforçam a idéia de que as altas habilidades estão relacionadas apenas ao desempenho acadêmico.

Encerrando esta sessão do estudo, é necessário reafirmar uma idéia que vem se fortalecendo no percurso desta caminhada pela especialização em altas habilidades/superdotação: as crenças permeiam constantemente nosso imaginário, quando o assunto é superdotação. Nas várias vezes em que se recorreu ao artigo sobre os mitos e aos depoimentos dos professores, descobriram-se mais evidências acerca dos fantasmas que acometem as pessoas com altas habilidades. A transitoriedade sobre o assunto permitiu percebê-los também nas falas com colegas de trabalho e amigos.

A idéia de que as altas habilidades são características que dependem exclusivamente do estímulo ambiental e como resultado exclusivo do estímulo e do esforço é revelada em mais de um depoimento.

“São feitos elogios ao bom desempenho, mostrando a todos que são capazes e só dependem de ter boa vontade e esforço” (Professora Asteróide).

“Sempre procuro estimular este aluno a buscar mais. Sinto receio de que ele possa ficar acomodado [...]” (Professora Luz).

“Procuro incentivá-los” (Professora Sol).

## **4.2 Os sentimentos dos professores em relação ao desempenho dos alunos**

Percebe-se, nas respostas às duas primeiras questões, que a grande angústia do professor em relação ao desempenho e aprendizagem dos alunos,

pontua-se no fato da “não aprendizagem”, nas dificuldades e na desmotivação para aprender:

“[...] preocupo-me é com a aprendizagem porque ultimamente os alunos não aprendem mais nada. Até quando esses alunos vão passar sem saber nada?” (Professor Brilho).

“Quando se vê que o aluno teve dificuldade na aprendizagem [...]” (Professora Asteróide).

“como fazer eles compreenderem os conteúdos de química. Tendo atenção (prestando) em assuntos que muitas vezes não lhes motivam” (Professora Sol).

Em sua retrospectiva de vinte e cinco anos de estudo sobre superdotação, Renzulli (1999, apud 2004), argumenta que pensar a implementação permite a comprovação da teoria, oferecendo oportunidade de gerar dados de pesquisa que ou dão crédito à teoria ou indicam o trabalho a ser realizado. Nesta situação concreta e significativa de angústia dos professores, aparente nas demais séries e níveis de ensino\*, a indicação recaiu sobre a possibilidade de um estudo, inicialmente teórico, sobre as altas habilidades/superdotação.

Os professores revelaram em suas respostas uma grande preocupação com o conteúdo a ser desenvolvido, sua aceitação e assimilação pelos alunos; com os procedimentos e formas de avaliação.

“A preocupação é em relação aos conteúdos, se estão sendo alcançados realmente” (Professora Estrela).

“Como avaliar?” (Professora Sol).

Preocupar-se com os procedimentos a serem executados com alunos com necessidades especiais aponta caminhos para o estudo sobre as altas habilidades e a implantação de programas de enriquecimento. Também o fato dos professores se preocuparem com o caminho que o aluno percorre na aprendizagem revela a atenção dispensada ao sujeito, favorecendo o levantamento dos interesses para a proposição de atividades desafiadoras.

---

\* Nos conselhos de classe e reuniões pedagógicas, instâncias típicas do contexto escolar, esta angústia é constantemente citada pelos professores.

“Como com os alunos com necessidades especiais é difícil fazer algo diferente. Como trabalhar? Como fazer eles usarem o máximo de sua capacidade?”(Professora Estrela).

Ainda que, em relação à adequação das atividades e ao desempenho dos alunos, apenas uma professora busque entender os alunos e questionar os motivos do bom ou mau desempenho, focaliza-se no aluno, nas suas capacidades e na sua trajetória na aprendizagem. Esta postura da professora traz a possibilidade de perceber o talento do aluno e suas áreas de interesse.

“Tento entender meu aluno. Seria ideal que ele trabalhasse e ficasse interessado sempre, mas isso é impossível [...] estamos falando de seres humanos, com interesses, vontades e objetivos diferentes” (Professora Luz).

A crença de que é preciso aprender conteúdos do dia-a-dia para ter bom desempenho na leitura e na escrita revela o caráter conteudista do trabalho realizado pela professora e sua despreocupação com as habilidades que o aluno possa apresentar em relação à sua capacidade lingüística.

A capacidade do aluno ou seu potencial não é citado pelos professores como uma preocupação em relação ao desempenho, mas sim, a necessidade de obter os conteúdos para alcançar bom desempenho.

“[...] conteúdos que os alunos devem conhecer para ter um bom desempenho na fala e na escrita” (Professora Asteróide).

No entanto, não se pode afirmar total despreocupação em relação ao potencial, tendo em vista que os professores indagam sobre o mau desempenho dos alunos, afirmando que estes poderiam ser melhores e **render mais** \*\*.

A preocupação dos professores em relação ao desempenho dos alunos não aparece centralizada no aluno e no seu potencial, mas sim, relativa à necessidade de aceitação e compreensão das propostas de trabalho. Preocupam-se também com o motivo e com a aplicabilidade do conteúdo a ser estudado. A preocupação com o conteúdo, embora citada em terceiro plano por uma professora, tem preponderância, uma vez que considera importante, em primeiro plano, tornar compreensível ao aluno o motivo e a finalidade do que será aprendido.

---

\*\* Inúmeras vezes, professores reconhecem e referem o aluno com potencial bom indagando sobre o seu desempenho

“[...] que eles compreendam a proposta de trabalho (por que e para quem vamos aprender isso), em primeiro lugar. Em segundo lugar, a ‘adesão’ em relação a atividade proposta. Em terceiro lugar, se ele vivencia os conteúdos que trabalhamos” (Professora Raio de Luz).

Ao citar a “adesão” do aluno em relação à atividade proposta, esta professora considera o interesse do aluno voltado ao conteúdo e não como uma área em potencial a ser desenvolvida. É possível constatar a percepção da professora sobre as possibilidades de atendimento ao aluno mediante a observação sobre o seu interesse em relação ao que vai ser ensinado. Isso nos permite concordar com Renzulli (2004), ao distinguir informações da situação e da ação e estabelecer que as informações da situação indicam os níveis elevados e a superdotação acadêmica. Porém a criatividade e o comportamento dependem do tempo e da circunstância.

Há uma correspondência entre a adesão à qual se refere à professora e o que Renzulli (2004) aponta como importante nas Informações da Ação:

...tipo de interações dinâmicas que acontecem quando uma pessoa fica extremamente interessada ou entusiasmada com um tema, área de estudo, idéia ou evento que acontece no ambiente escolar ou extra-escolar (p .87).

Timidamente, uma professora afirma preocupar-se com a possibilidade do aluno fazer uso do conhecimento, relacionando-o com a sua realidade, de forma a utilizá-lo em diferentes situações.

“que possa de alguma maneira fazer uso deste, relacioná-lo à sua realidade e entendê-lo de uma forma ampla e não fragmentada [...] que eles possam globalizar esses conhecimentos, utilizando-os em diversas situações” (Professora Luz).

Esta opinião permite estabelecer relação com o conceito de superdotação que Virgolim (2007), reportando-se ao dizer de Renzulli (1976), traz ao falar das habilidades gerais. Também revela a possibilidade do professor trabalhar com a informação da ação. Pela observação do aluno, o professor pode realizar propostas no modelo indutivo, possibilitando ao aluno a realização de tarefas e a concretização de produtos.

Na maioria das respostas, o direcionamento das atividades propostas leva em consideração os indicadores de assimilação de conteúdo, avaliação das aulas e do professor, a possibilidade de implementação do trabalho com atividades práticas



em laboratório quando o conteúdo da disciplina favorecer. A possibilidade de estratégias alternativas de aprendizagem foi mencionada apenas quando o aluno tem alguma deficiência e não aprende o conteúdo.

“Na ocasião da auto-avaliação e avaliação das aulas e do professor. Quando um determinado conteúdo não é bem assimilado” (Professora Raio de Luz).

“em conteúdos que se adaptem em laboratórios (prático)” (Professora Sol).

Com intuito de evitar muitos equívocos, já existentes em relação ao termo superdotação desde os estudos iniciais, Renzulli (2004) ressalta em sua trajetória de pesquisa a definição original datada de 1978:

as crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valorizada do desempenho humano (p. 261).

A relevância deste conceito pode responder à angústia dos educadores em relação àqueles que já sabem o que será ensinado e desmotivam-se pela escola.

“[...] desculpe, mas acho que o sistema escolar, muitas vezes, acaba” podando ‘os alunos’” (Professora Luz).

As atitudes de alguns professores em relação aos alunos que apresentam bom desempenho restringem-se à estimulação através de elogios, pois o desempenho só depende de esforço e boa vontade:

“São feitos elogios ao bom desempenho, mostrando a todos que são capazes e só dependem de ter boa vontade” (Professora Asteróide).

As estratégias pedagógicas desenvolvidas pelos professores em relação aos alunos com bom desempenho ou que julguem ter altas habilidades limitam-se à sugestão de leituras extras para alargar horizontes do conhecimento e potencializar sua participação nas aulas.

“Sugiro leituras extras para que alarguem ainda mais os horizontes do conhecimento. Auxiliam nos debates de maneira mais constante (Sociologia e Filosofia)” (Professora Raio de Luz).

Positivamente, há o reconhecimento de que as altas habilidades existem no contexto escolar e que os alunos que as apresentam merecem atendimento

diferenciado. No entanto, a angústia com os que não aprendem tem condicionado os professores e estes acabam esquecendo que os alunos com bom desempenho merecem reconhecimento e atendimento especial. Evidencia-se este fato na preocupação com a inclusão, no sentido de trabalhar a aceitação do pensamento divergente, presente no aluno com indicadores de altas habilidades.

“Sei que os alunos com altas habilidades merecem atendimento diferenciado” (Professora Asteróide).

“Estou condicionada a ter angústias em função daquele aluno que não quer estudar [...] e acabei esquecendo completamente do outro tipo de aluno (alunos com Altas Habilidades)” (Professora Luz).

“... sua participação foi melhorando nos debates depois que trabalhei a turma no sentido de aceitar todas as opiniões que aparecem em aula e que não havia uma palavra final sobre determinado assunto. Incentivei a leitura e o trabalho voluntário” (Professora Raio de Luz).

Surpreendeu-me o fato dos educadores perceberem tão pouco a respeito do tema; porém o desejo dos educadores, expresso nas respostas à questão “O que sabes a respeito das altas habilidades/superdotação?” fortaleceu a continuidade do estudo.

“Sei que alunos com altas habilidades merecem atendimento diferenciado” (Professora Asteróide).

“Como trabalhar? Como os fazer usarem o máximo de sua capacidade?” (Professora Estrela).

“Não sei responder essa questão. Não entendo praticamente nada deste assunto. Gostaria de conhecer mais sobre isso” (Professora Luz).

Depreende daí o necessário aprofundamento nos estudos acerca desse assunto entre os educadores. Sendo a escola instituição responsável pelo desenvolvimento humano, deve fazê-lo em condições de igualdade, garantindo para além do acesso, a permanência e a realização de todos os educandos na escola. Desta forma, apresentamos uma proposta de estratégia pedagógica que pode ser implementada com intuito de agregar o estudo das altas habilidades e promover o enriquecimento escolar.

## **5 FINALIZANDO COM O QUE FALTA NA ESCOLA: O PROGRAMA**

Muitas são as possibilidades de elaboração de um programa de enriquecimento. Nesta oportunidade, além da singularidade do processo formativo no qual me encontro, o escopo e a área de abrangência desta proposta são os professores e alunos do Ensino Médio.

Investindo inicialmente na preparação dos recursos humanos, pois segundo Guenther (2006, p.85), a educação para bem-dotados e talentosos requer um corpo próprio de pesquisa e conhecimento, torna-se necessário assistir os profissionais, construindo a competência necessária para assegurar a eficiência e a satisfação no trabalho com os alunos que apresentam indicadores de altas habilidades. O acompanhamento da equipe em serviço se realiza através de encontros para informação, atualização e colocação de dúvidas, estudo e leituras sob orientação de Instituição de Ensino Superior através do PIT: Programa de Incentivo ao Talento e do Educador Especial.

Os programas especiais influenciam o trabalho regular da escola para todos os alunos. Ao realizarem um programa especial, os professores estarão em contato direto e contínuo com outros professores, direção e família, necessitando motivação e preparo para enfrentar as barreiras e a crítica. Trabalhar coletivamente, no planejamento, execução e partilhamento dos resultados obtidos é preponderante nas iniciativas deste porte. O estabelecimento de parcerias com setores da sociedade possibilita a implantação do programa, tendo em vista que muitas vezes a escola não dispõe de todos os recursos necessários. Por isso, além da colaboração da Instituição de Ensino Superior, no que diz respeito à formação do educador, será necessária a contribuição de outros setores da sociedade a fim de colaborarem na implantação e implementação de atividades diversificadas.

No que diz respeito ao tipo de atividades a serem propostas é apropriado seguir o Modelo Triádico de Enriquecimento (RENZULLI, 2004) para programas de enriquecimento com atividades do Tipo I, oferecidas em sala de aula e extensivas a todos os alunos (palestras, excursões, demonstrações, uso de diferentes audiovisuais); do tipo II, oferecidas em sala de aula regular e sala de recursos, com técnicas, materiais instrucionais e métodos relacionados ao desenvolvimento em três áreas – processos de pensamento do nível superior, habilidades específicas em pesquisa e processos relacionados ao aspecto pessoal, afetivo e social do aluno. Nestas atividades o aluno tem a possibilidade de aprofundar-se na sua área de

interesse, desenvolvendo habilidades específicas no desempenho da atividade que se proponha, como por exemplo, acompanhar pesquisadores.

Finalmente, as atividades do Tipo III são aquelas planejadas especificamente e personalizadas para o aluno com o objetivo de torná-lo aprendiz de seu fazer.

Para Renzulli e Reis (1986, apud GUENTHER, 2006), quatro são os aspectos necessários que o professor deve ter atenção para melhor ajudar ao aluno nos diferentes campos de estudo, sem, obrigatoriamente, ser um especialista da área:

- a) saber da existência de livros de metodologia científica nos vários campos do conhecimento;
- b) saber onde tais livros podem ser localizados e obtê-los;
- c) disponibilizar tempo e esforço para ajudá-los a obter os materiais;
- d) prover ou obter assistência necessária, para interpretação do material de nível avançado que possa acarretar dificuldade ao aluno.

Na fase inicial da implantação de um programa de enriquecimento que vise capacitar o educador para o atendimento do aluno com altas habilidades/superdotação, é necessário oferecer aos educadores espaço de reflexão sobre a aprendizagem dos alunos e a função do educador. O aporte teórico sobre as altas habilidades/superdotação é de responsabilidade do educador especial, com a assessoria de Instituições de Ensino Superior, sendo necessário “que as idéias sejam expostas e discutidas, os conceitos formulados e esclarecidos...” (GUENTHER, 2006, p.147). O desencadeamento das ações do programa, nesta fase refere-se à sensibilização e instrumentalização do professor para o tema.

Valendo-se da sugestão de atividades para um programa de contexto enriquecido, elaborada por PÉREZ, RODRÍGUEZ e FERNÁNDEZ (1998), organizada e apresentada por FLEITH (2007), a abordagem pode ser pensada a partir da provocação inicial sobre qual o contexto de aprendizagem, na qual as seguintes sugestões estão geralmente associadas:

- ✓ Incluir, no currículo regular, programas de ensino com pensamento produtivo e crítico;
- ✓ Promover projetos independentes, individuais e em pequenos grupos;
- ✓ Desenvolver atividades de exploração em diferentes áreas de atendimento;
- ✓ Organizar atividades baseadas nos interesses dos alunos;
- ✓ Resolver problemas reais e antecipar problemas futuros;

- ✓ Implementar oficina de invenção;
- ✓ Realizar concursos de ciências, letras, artes visuais e plásticas;
- ✓ Oferecer aula de música, interpretação ou artes visuais;
- ✓ Realizar colóquios com especialistas;
- ✓ Desenvolver estudos aprofundados sobre temas específicos;
- ✓ Realizar adaptações curriculares;
- ✓ Desenvolver projetos de investigação;
- ✓ Participar em programas extracurriculares.

Na segunda fase do programa, o atendimento educacional especializado atua junto aos alunos, contando com a participação dos demais professores da escola na identificação dos alunos com maior capacidade, por meio de observações orientadas e registros em fichas individuais por turma. As atividades geradoras de desafio nesta fase são voltadas à exploração dos espaços em que o aluno convive, como por exemplo, através da tarefa: Fotografando os lugares de minha vida... O que representam... e, ainda, As minhas coleções... Nestas atividades, o professor pode enriquecer seu planejamento incluindo tarefas extra-escolares acrescentadas de atividades nas aulas regulares a partir da escrita sobre os seus registros.

Concomitante a este momento, podem ser pensadas e implementadas atividades do tipo I e II, nas quais os professores programam as suas aulas oferecendo atividades desafiadoras e com isto oportunizando espaços para identificação pela provisão.

A possibilidade de realização de um evento cultural ao término deste trabalho, com o objetivo de apresentar as produções à comunidade, concretiza-se na terceira fase do programa. O envolvimento dos alunos na preparação do evento, na condição de promotores e impelidos da condição de protagonistas de seu desenvolvimento, caracteriza atividade de enriquecimento do Tipo III.

Decorrente deste trabalho, outras iniciativas podem ser efetivadas na escola, tais como: Rádio Escolar, apoiada por profissionais externos e as atividades extracurriculares, através dos programas desenvolvidos pela *Fundação Educacional Junior Achievement*, por exemplo. Este aspecto do programa merece aprofundamento teórico, na direção de um outro referencial de Renzulli, chamado Modelo de Enriquecimento para toda a Escola, pois dentre as críticas de elitismo e

favoritismos feitas ao atendimento especializado para superdotados, o *SEM* <sup>\*\*\*</sup>, enquadra-se no movimento pela igualdade na educação (RENZULLI, 2004).

Os recursos humanos e materiais para o empreendimento de um programa de enriquecimento encontram-se alocados inicialmente na escola e nas famílias dos alunos. Na medida em que as atividades se concretizam, são necessárias assessorias técnicas de profissionais das áreas específicas, sendo de responsabilidade da escola alavancar estes recursos junto à comunidade local.

A proposta para avaliação do programa concentra-se na efetivação das intenções iniciais, pela efetivação das parcerias estabelecidas e da execução das atividades, por concordar com as considerações de Renzulli (1994, apud VIRGOLIM 2007), que assinalam que cada um tem um importante papel no aperfeiçoamento da sociedade. Esse papel pode ser desenvolvido se fornecermos aos alunos as oportunidades, os recursos e o encorajamento necessários para aspirar ao mais alto grau, humanamente possível, de desenvolvimento do talento. Sendo assim, alunos se tornam mais estimulados e engajados na escola, quando estão efetivamente aprendendo; os pais encontram novas oportunidades para se engajarem em vários aspectos da aprendizagem dos filhos; os professores passam a encontrar e a usar uma variedade de recursos que antes não tinham espaço na sala de aula; e administradores começam a tomar decisões administrativas e políticas que afetam todo o ambiente escolar. Teremos assim, ao final, uma equipe pedagógica e multidisciplinar voltada para o alto desempenho e favorecendo oportunidades de desenvolvimento do potencial de todos os alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitas foram as perguntas feitas no transcorrer deste estudo, ora respondidas pelo percurso, ora instigadoras de novos questionamentos. As constatações-indagações despontaram na disciplina de Metodologia/Atendimento ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação, quando percebi a relevância da investigação pela ação e pelo provimento de atividades no processo de identificação dos alunos.

A nova dúvida: por que atendimento na Educação Especial? Um grande mito, também respondido na disciplina de História, Comunidade e as Representações

---

<sup>\*\*\*</sup> Modelo de Enriquecimento para toda a Escola apresentado e descrito por Pérez (2006).

Culturais do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. Mas o mito voltou a rondar meus pensamentos na disciplina de Escola, Currículo e a Educação de Aluno com Altas Habilidades/Superdotação I, através de uma nova pergunta: Será que o educador deve priorizar um programa de contexto enriquecido apenas aos alunos com altas habilidades? A cada aula desta disciplina subdivida em três partes fortaleciam-se as constatações de que toda a ação escolar deve depreender propostas voltadas ao desenvolvimento de potenciais e da autonomia do aluno e do professor.

Desmistificado o pensamento, foi possível vislumbrar a relevância dos programas de enriquecimento; porém, a idéia ainda manteve-se fortemente associada ao entendimento de que tais programas caracterizam privilégios e elitismo aos alunos com bom desempenho e, portanto, não inclusivo.

Embora estudiosos não apresentem citações ou depoimentos às suas considerações finais, associo neste momento, as palavras da educadora para dizer do quanto aprendi:

“Confesso que tenho muitas dúvidas hoje... daquilo que é certo ou errado. Mas com tantas dúvidas pelo menos uma certeza me acompanha: sei que devo aprender muito... sei que devo ouvir o meu aluno e fazer o que posso para entender suas angústias [...]” (Professora Brilhante).

Foi a trajetória da pesquisa através da investigação das idéias que rondam os demais educadores, que possibilitou fortalecer e sistematizar a teoria. A realização do trabalho na escola, portanto na prática, possibilitou referir o estudo teórico, estabelecendo conexão entre a teoria encontrada na formação e a vivência profissional. As constatações do percurso realizado sugerem a continuidade do estudo pela necessidade do conhecimento acerca do tema. Com isso fica atendida parcialmente a intenção de delinear o papel do educador frente ao atendimento dos alunos com altas habilidades. Esta expectativa pode ser respondida através da implantação e implementação do programa de enriquecimento para toda a escola, ora apresentado. Tal iniciativa possibilita um novo movimento e uma nova trajetória de pesquisa pelo universo da inteligência, das altas habilidades e do papel do educador: aprender sempre!

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. S., **Inteligência: Definição e Medidas**.CIDINE ( Centro de Investigação, difusão e Intervenção Educacional). Portugal, Aveiro: 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em <http://portalmeec.gov.br/seesp/arquivo/pdf/politica/pdf> Acesso em julho 2008.

DELOU, C.M.C. **Sucesso e fracasso escolar de alunos considerados superdotados: um estudo sobre a trajetória escolar de alunos eu receberam atendimento em salas de recursos de escolas da rede pública de ensino**. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Estudos Pós Graduados em Educação: História e Filosofia da Educação. PUC/SP, 2001.

FLEITH, D.S. (Org). **A Construção de Práticas Educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**, orientação a professores. v.1.Brasília: MEC/SEESP, 2007.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

GÜENTHER, Z. C. **Desenvolver capacidades e talentos, um conceito de inclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GÜENTHER, Z. C. **Capacidade e Talento: um programa para a escola**. São Paulo: EPU, 2006.

METTRAU, M. B., **Nos Bastidores da Inteligência**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 1995.

METTRAU, M. B. (Org), **Inteligência: Patrimônio Social**. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2000.

PÉREZ, S.G.P.B. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: al guns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, v. 2, n. 22, 2003, p.45-59.

PÉREZ, S. G. B., **O aluno com altas habilidades/superdotação: um criança que não é o que deve ser ou é o que não deve ser?**.Portal da Educação do Estado do Paraná, Curitiba-PR, v.1, p 1-11, 2004.

PÉREZ, S. G. B., Construindo alternativas de atendimento sob a perspectiva do Modelo de Enriquecimento para Toda a Escola (SEM). In: **Encontro Nacional do ConBraSD**, 2., Anais . Pirenópolis: ConBraSD, 2006.



RENZULLI, J. S. O que é essa coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, Porto Alegre-RS, ano XXVII, v. 52 n. 1, 2004, p. 45-130.

VIRGOLIM, M.R.A, **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**.3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.